AS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS NO BRASIL E O PERFIL DO INVESTIDOR

ANDERSON FERREIRA DE ALMEIDA
sorisdealmeida@hotmail.com
UNIFESP

WENDELL ALVES SOARES
wendellconsult@gmail
MACKENZIE

SANDRO BRAZ SILVA
prof.sandrobraz@gmail.com
UNIFESP

MARCELO RABELO HENRIQUE
marcelo@mrhenriqueconsult.com.br
UNIFESP

ANTONIO SAPORITO
profantoniosaporito@gmail.com
UNIFESP

Resumo:O objetivo deste trabalho é de analisar historicamente as alterações desenvolvidas no perfil do investidor brasileiro desde a segunda metade do século XX até o presente momento, no início do século XXI. É desenvolvido a partir de uma leitura qualitativa dos dados disponibilizados pelas instituições financeiras e de regulação estatal. Para tanto tem em seu escopo subsidiariamente ensaios teóricos acerca do mercado financeiro fundamentalmente composto pelos estudos de ASSAF NETO (2015) e ANDRADE (2017) no diapasão do mercado financeiro tal qual ele era concebido no século passado e de que maneira se dinamizou na entrada do presente século, em que a oferta de investimentos ganha espectro mais personalizado e diverso. A investigação deu conta de que o perfil do investidor brasileiro se modificou muito ao longo dos anos, sobretudo considerando à expansão de ofertas de corretores de valores mobiliários em concorrência com os tradicionais bancos. Com os resultados obtidos, esperou-se contribuir para uma abordagem de leitura do mercado financeiro a partir das novas formas de se realizar investimentos cada vez mais democráticas e acessíveis ao público médio.

Palavras Chave: Mercado Financeiro - Investimentos - Instituições Finan. - Investidor - Regulação Estatal

1. INTRODUÇÃO

Observa-se que no dia-dia os indivíduos historicamente demonstram o interesse de realizar investimentos, realizar uma reserva financeira maneira segura até para complemento de renda, realização de projetos de médio, longo prazo e aposentadoria, multiplicar seu capital, além de investir em ações para aumento de capital a longo e curto prazo.

Nesse sentido, muitos vêem os bancos como a principal instituição para operar essas transações, quase um caminho natural, entretanto é sabido que as corretoras de valores mobiliários desenvolvem um trabalho tão e, muitas vezes, até mais qualificado do que os tradicionais, populares e prestigiados conglomerados financeiros.

O presente trabalho se propõe a descrever o movimento de deslocamento de investidores das grandes instituições generalistas para as corretoras de valores mobiliários que se apresentam como ofertantes de serviços mais específicos e especializados. Em síntese, o que pretendeu-se demonstrar é o perfil histórico do investidor brasileiro e de que maneira ele se defronta com as novas possibilidades de intermediação financeira que lhe são oferecidas.

1.1. Problema

Diante da notória elitização das instituições de investimento em meados do século XX e a atual democratização das plataformas de investimentos: **Houve alteração de perfil do investidor brasileiro entre as décadas de 1960 e 2010?**

1.2. Objetivos principal e específico

Em face da atual conjuntura no setor de investimentos, o presente trabalho visa a compreender historicamente a alteração de perfil do investidor brasileiro potencializando a concorrência estabelecida entre as corretoras de valores mobiliários e os bancos convencionais.

Diante do macro-objetivo ora anunciado, também se pretende:

a-) Conhecer o comportamento e perfil do investidor brasileiro;

b-) Descrever como as corretoras de valores mobiliários atuam no mercado financeiro.

1.3. Hipótese e justificativa

Este estudo estabelece como hipótese central a de que os serviços oferecidos tradicionalmente pelos bancos historicamente deixam de atender as demandas de investidores que cada vez mais têm recebido informações relevantes e são submetidos à educação financeira. Em razão disso, as corretoras de valores mobiliários ocupam um lugar de maior especialização e cuja mediação tem atendido a contento o influxo de indivíduos interessados em aplicações financeiras.

A quantidade de corretora de valores existentes no Brasil tem aumentado consideravelmente, estabelecendo concorrência com os bancos, que têm boa parte desses possíveis clientes investidores.

Uma vez que esses possíveis clientes investidores abandonam os serviços prestados pelos bancos convencionais e aprendem a investir seus recursos com essas corretoras mais especificas de investimentos, há uma alteração substancial no fluxo do mercado de capitais.

Nesse sentido, o presente estudo se justifica na perspectiva de contribuir para os estudos das áreas da administração e da economia salientando os desdobramentos e implicações desse movimento.

1.4. Estudos realizados

A partir de investigação desenvolvida por Gomes (2018),verifica-se a maior facilidade com que a pessoa física acessa quadros de investimentos em corretoras. Já os estudos feitos por Andrade (2017), nos mostra como ocorreram às mudanças nas corretoras na ultima década. A eficiência pela tecnologia e sua necessidade.

ARRUDA (2008) desenvolve um estudo comparativo entre o crescimento da Bovespa (atual B3) e a base inspiradora de suas atividades no hemisfério norte.

ANDRADE (2017) versa seus estudos acerca do modo como as corretoras de valores mobiliários desenvolvem concorrência entre si e com as instituições financeiras convencionais representadas pelos grandes bancos.

ASSAF NETO (2015) aporta informações relevantes e elementares acerca do funcionamento do mercado financeiro global com maior enfoque para o mercado financeiro pátrio na contemporaneidade.

O artigo publicado por Bertão (2019) apresenta o futuro das corretoras de valores, onde elas irão parar? Nesse artigo conseguimos ver que o mercado disponível para as corretoras é vasto e fértil já que boa parte da população esta concentrada com os grandes bancos e isso pode mudar com as novas tecnologias e plataformas de investimentos.

No site da AMBIMA é apresentada uma descrição hábitos dos brasileiros com relação a seus investimentos. Ano após ano, notou-se que a poupança ainda é o investimento mais realizado pelos brasileiros, por sua liquidez e baixo risco.

A Revista Exame, em artigo de Almeida (2016), mostra em sua publicação que os brasileiros investem em poupança para evitar riscos e perder seus recursos. Ela diz em sua publicação que, os brasileiros investem em poupança para se protegerem contra imprevistos.

Com a parte histórica da economia, temos a publicação do Reis (2019), que apresenta o fatídico momento em que ocorreu o confisco da poupança na era Collor e que esse acontecimento gerou trauma no brasileiro até os dias de hoje.

No site da InfoMoney, uma publicação feita por d'Ávila (2016) problematiza a falta de conhecimento a respeito do mercado financeiro que faz os brasileiros escolherem aplicações que não são condizentes com o perfil do investidor. O estudo defende que se os brasileiros não adquirirem conhecimento nesse mercado, irão perder dinheiro.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Em face dos dados apurados que serão apresentados doravante no desenvolvimento esmiuçado do trabalho, na análise das informações trazidas pela plataforma da Bovespa e da AMBIMA podemos identificar o aumento substancial de investimentos perpetrados por pessoas físicas suplantando os mobilizados por pessoas jurídicas. Há um perfil específico – o de homens – que se mostra mais interessados na capitalização na bolsa.

Entramos há pouco tempo na era da tecnologia, em que todo o dia recebemos muitas informações que nos aportam a possibilidade de melhores modos de investir nossos recursos. Esse conhecimento estimula à responsabilidade financeira.

O primeiro conjunto de estudos se debruça sobre a história dos valores mobiliários e econômicos. Conforme Assaf Neto (2006), "a caderneta de poupança é considerada a modalidade de investimento mais tradicional do Brasil, classificada como conservadora por oferecer baixo risco e, também, menor retorno, principalmente se comparado com outros tipos de aplicações financeiras. Costuma atrair investidores de menor renda".

O próximo grupo de estudos se constitui na análise do perfil do investidor. Bodi, Kanie e Marcus (2014) consideram que as famílias desejam ter acesso a investimentos vantajosos para construir sua segurança futura, mas o pequeno porte (financeiro) da maioria das famílias dificulta o investimento direto.

Um pequeno investidor que tenha interesse em emprestar dinheiro para empresas que necessitam de investimentos financeiros não anuncia no jornal local para encontrar um tomador de empréstimo disposto e desejável.

Por fim, o mais agudo referencial teórico do qual lançamos mão se dedica a estudar os diversos tipos de serviços e operações oferecidos pelas corretoras de valores mobiliários e sobre como elas dividem mercado com demais instituições no Brasil.

2.1. História do Mercado de Capitais no Brasil

Em um período anterior ao da década de 60, os brasileiros investiam em ativos reais. Em tempos de inflação crescente, havia também diplomas legais que limitavam em 12% ao ano a taxa máxima de juros, conhecido como a lei da Usura, que continha o desenvolvimento de mercado de capitais ativos.

Nos anos da ditadura militar, o governo promoveu reformas econômicas nacionais, editando novas leis. Dentre elas, a Lei nº 4.537/64, que instituiu a correção monetária, através da criação das ORTN, a Lei nº 4.595/64, que versava sobre a reforma bancária, modificando o sistema de fiscalização e criou o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central, e a Lei nº 4.728, de 14.04.1965, primeira Lei de Mercado de Capitais, que balizou o mercado.

Com a introdução da legislação ora mencionada, houve modificações no mercado acionário: a reformulação da legislação sobre a Bolsa de valores, a mudança dos corretores de fundos públicos em Sociedades Corretoras, deixando o cenário mais robusto e, sobretudo, possibilitando a fundação Bancos de Investimentos.

Com os incentivos fiscais criados pelo Governo Federal, aumentou a busca de ações pelos investidores, más em contrapartida não houve aumento de novas ações emitidas pelas empresas. Essa situação desencadeou um colapso da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Entre o mês de dezembro de 1970 até julho de 1971, ocorreram muitas especulações e as ações não pararam de subir.

Nos anos 70, quando o mercado deixara de crescer, foram introduzidas duas novas normas, com validade até os dias de hoje: a Lei das Sociedades Anônimas, que tinha por objetivo modernizar as regras que regiam as sociedades anônimas.

Após mesmo toda essa reforma os resultados obtidos não foram satisfatórios. Na década de 1980, em alguns momentos houve um aumento na quantidade de companhias abrindo seu capital por meio de oferta pública.

Com a aceleração de abertura da economia brasileira em meados da década de 1990, aumenta o número de investidores atuando no mercado de capitais pátrios. Além disso, empresas brasileiras começam a acessar o mercado externo através da listagem de suas ações na bolsa de valores estrangeira, capitalizando e captando recursos no exterior.

Nessa toada, a Bovespa cria o Novo Mercado com um segmento de listagem de ações de companhias que se comprometem voluntariamente a adotar práticas de governança

2.3. Reforma da Lei das Sociedades Anônimas

Os acionistas minoritários precisavam de mais proteção e direitos e isso ocorreu com as alterações da Lei Societária desde meados dos anos 70. Assim tiveram como objetivo o fortalecimento do mercado de capitais e o estimulo à maior participação dos investidores, que

se estendeu até os anos 2000. De determinada maneira, a proteção aos acionistas minoritários pode ser um dos fatores responsáveis pela proliferação de investidores pessoa física no Brasil, visto que a legislação favorece e estabelece garantias para a sua existência. Entretanto, há ainda na cultura nacional uma valorização do baixo risco, o que vem sendo mitigado nos últimos tempos:

> Entre os investidores, 89% aplicam na caderneta de poupança. Apesar de o brasileiro ter diversas opções de renda fixa à disposição, ele prefere manter o dinheiro na poupança por ser um investimento bem conhecido e bem tradicional. Mas, muitas vezes, esquece de considerar, inclusive, que é necessário aguardar a data de aniversário para que haja remuneração no período, acaba sacando antes e perdendo todo rendimento. (AMBIMA, 2018)

Em 2008, a Bolsa de Valores de São Paulo e a Bolsa de Mercadorias & Futuros se integraram, dando origem a BM&FBOVESPA. Atualmente, a BM&FBOVESPA é a única bolsa que opera no Brasil, além de ser líder na América Latina e uma das maiores do mundo em valores de mercado. Seus mercados abrangem ações, contratos futuros, câmbio, operações, fundos e ETFs (fundos de índices), crédito de carbono, leilões e renda fixa pública e privada. No início de 2010, a BM&FBOVESPA ampliou sua posição no quadro acionário do CME Group, de 1,8% para 5%, o que representa um investimento de US$ 620 milhões.

2.4. Bolsa de Valores no Brasil

No século XX, surge o sistema financeiro no Brasil. Muitos operadores começaram a exercer o trabalho de corretores financeiros e banqueiros com o foco em crédito. Tais instituições são responsáveis por manter local ou sistema de negociação eletrônica adequada à realização de transações de compra e venda de títulos e valores mobiliários. O patrimônio da Bolsa é representado por títulos que pertencem às sociedades corretoras membros.

A Bovespa, situada na capital paulista, trata-se de uma instituição autorreguladora que é controlada pela Comissão de Valores Mobiliários – CVM. A Bolsa de valores Bovespa é nosso principal mercado de negociação de ações das empresas existentes no Brasil e a mais relevante da América Latina:

> Linha do Tempo:
> - 1820 – É criada a bolsa de valores do Rio de Janeiro
> - 1845 – Criada a primeira sede da bolsa de valores do Rio de Janeiro -BVRJ
> - 1890 – Emílio Rangel Pestana funda a chamada Bolsa Livre – considerada por historiadores como o embrião da Bolsa de Valores de São Paulo.
> - 1891 – Um ano após sua abertura, a Bolsa Livre é fechada devido à crise econômica do Encilhamento.
> - 1895 – O progresso do mercado financeiro brasileiro é retomado e quatro anos após o fechamento da Bolsa Livre é inaugurada a Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo.
> - 1934 – Com sede no Palácio do Café, seu nome muda para Bolsa Oficial de Valores de São Paulo.
> - 1966 – Surge a figura dos Operadores de bolsa e das corretoras de Valores. A Bolsa passa a utilizar o nome de BOVESPA.
> - 1968 – É criado o índice Ibovespa, formado pela cotação média das ações com maior volume de negociação na bolsa.
> - 1989 – A Bovespa se torna a entidade líder na negociação de ações no Brasil após a quebra da bolsa de valores do rio de janeiro, após disputa com o investidor Naji Nahas.
> - 1999 – Surge o Home Broker, modernizando o processo de negociação com ações no Brasil.
> - 2007 – A Bovespa abre o capital e passa a se tornar uma empresa, captando 6,6 bilhões de reais no processo.
> - 2008 – Ocorrem à fusão entre a Bovespa e a Bolsa de Mercadorias e futuros (BM&F), passando a se chamar BM&F Bovespa.

(A BOLSA DE VALORES NO BRASIL, 2018)

Espalhadas pelo Brasil, nos anos de 1960, existiam vinte e sete bolsas de valores, pertencentes aos governos estaduais e seus membros eram compostos por corretores. Os cargos eram nomeados por agentes públicos. Portanto, as bolsas de valores, eram consideradas entidades oficiais corporativas, e que estavam vinculadas às secretarias de finanças estaduais – atual Secretaria da Fazenda.

Em 1967, a entidade financeira paulista passa a se chamar Bolsa de Valores de São Paulo. Em 2005 é decretado o fim do pregão viva voz. Assim, a Bolsa se torna totalmente eletrônica. No ano de 2006, começa a operar ações apenas em pregão eletrônico domésticos. Em março de 2008 a Bovespa faz a fusão com a BM&F, (Bolsa de Mercadorias & Futuro, é uma associação privada e civil. O objetivo é registrar e negociar operações financeiras. Nela são negociadas ações e cotas de fundo de investimento, preços de bens agrícolas, recursos naturais e títulos públicos e privados).

Essa fusão da Bovespa e BM&F é considerada a terceira maior do mundo e a segunda da América em valor de mercado. Iremos ver agora, como essa instituição funciona. A negociação das ações, como os agentes e instituições operam nesse mercado, além de aprender um pouco sobre o que precisa para começar a negociar com ações na bolsa.

A bolsa de Valores conglomera as ações, valores mobiliários, como títulos de renda fixa, *commodities*, entre outros. A vantagem da centralização para garantir a diminuição dos custos de transação na compra e venda das ações e a diminuição de risco por cada investidor individual.

Há segurança das transações, visto que a Bolsa de Valores assegura recebimentos e pagamentos, que ficam sob custódia da instituição especialmente criada para isso, a CBLC (Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia).

No ano de 2017 a BMF & Bovespa se fundiu com a CETIP (Central de Custodia e Liquidação Financeira de Títulos), entidade responsável em grade parte pela operacionalização do mercado financeiro brasileiro.

A partir de fusão, a bolsa passa a se chamar B3 – Brasil Bolsa Balcão. A B3 se torna a 5ª maior bolsa de valores do mundo com patrimônio de 13 bilhões de dólares. Assim, se tornando mais dominante na America latina, aumenta ainda mais os potencias ganhos para os investidores.

2.5. As corretoras de investimentos

Corretoras de investimentos são instituições que atuam no mercado financeiro, principalmente com escopo muito próprio de intermediação de transações financeiras. Elas podem trabalhar por si ou como braços de grandes bancos.

As corretoras de valores ofertam serviços para os clientes, como: assessoria ou consultoria de investimentos, lançando mão de recursos de especialistas no mercado financeiro. Os serviços com o passar do tempo passam a ser mais personalidados. Assim como os serviços de softwares e aplicativos para o computador, conhecidos como *home broker*.

> Corretoras mais robustas tecnologicamente conseguem atrair clientes singulares, como é o caso de *high-frequency clients* (clientes que só operam via sistemas e algoritmos tecnológicos robustos), mas também conseguem reter clientes menores, mas fiéis, com plataformas e tecnologias que garantem uma gama maior de opções para o consumidor. (ANDRADE, 2017, p.18)

As corretoras mais *high tech* conglomeram mais clientes, garantindo benefícios como a diversificação de investimentos.

Um aspecto que deve ser levado em conta é a existência de taxas de custódia cobradas apenas para manter as aplicações guardadas e as taxas de administração de alguns produtos que podem retirar parte dos recursos do indivíduo, além dos valores de comissão.

As empresas negociadas na bolsa de valores, os bancos e até o governo são avaliados por agências de risco, que estabelecem um ranqueamento dos operadores do mercado. Como esse tipo de informação é pública, o investidor pode checar a instituição financeira antes de aportar recursos.

2.6. O perfil do investidor brasileiro

Observa-se que no dia a dia as pessoas têm interesse de realizar investimentos, juntar dinheiro de maneira segura e até mesmo para complemento de renda para aposentadoria, ou de algum modo ampliar seu capital. Muitos veem os bancos como a principal instituição para realizar esses investimentos e guardar seu dinheiro.

Qual é o perfil do brasileiro quando se trata de investir dinheiro? Há segurança em ir para uma corretora?

A caderneta de poupança é uma conta bancária mais segura e destinada para pessoas com a capacidade de juntar dinheiro de forma periódica e que podem aportar poucos recursos, ou seja, não é necessário ser um grande *player* do mercado. Ficaram conhecidas como cadernetas por que, de início, eram usados pequenos cadernos onde se podia anotar a quantidade de dinheiro poupado e os juros recebidos.

Conforme Assaf Neto (2006), a caderneta de poupança é considerada a modalidade de investimento mais tradicional do Brasil, classificada como conservadora por oferecer baixo risco e, também, menor retorno, principalmente se comparado com outros tipos de aplicações financeiras. Costuma atrair investidores de menor renda.

Hoje, o rendimento da caderneta é de 0,5% ao mês mais a TR (Taxa Referencial), que é uma taxa calculada a partir do rendimento mensal médio de aplicações em RDBs e CDBs. A caderneta de poupança é o investimento mais procurado pelas pessoas que não dispõe de muito dinheiro, embora existam outras aplicações mais rentáveis.

2.7. A resistência aos investimentos

O medo do brasileiro em realizar investimentos é promovido pela história econômica recente do Brasil, aparentemente. Foram várias as trocas de moeda, implementação de diversos planos econômicos, inflação astronômica, confisco, grandes mudanças no câmbio, crises políticas que afetaram muito a economia.

Más, o que mais ficou marcado na memória dos brasileiros, foi o confisco da poupança e o Plano Collor. Somente nessa questão tivemos, troca de moeda, crise política, plano econômico, inflação em alta, e claro, o próprio confisco.

O confisco da poupança ocorre quando o governo retém parte ou o total dos depósitos feitos em conta bancárias, por decreto ou lei.

Mesmo após 30 anos, o confisco da poupança feito pelo Plano Collor, o assunto ainda é recente na memória dos brasileiros.O fato ocorreu em 1990, quando o presidente recém-eleito Fernando Collor de Mello anunciou que os valores depositados acima 50 mil cruzados novos depositados nos bancos seriam retidos.A medida integrava o pacote econômico chamado Plano Brasil Novo, também conhecido como Plano Collor. A restrição ocorreria por 18 meses. Neste período, os donos do dinheiro não poderiam acessá-lo.

Na época, os saques nas cadernetas de poupança ou na conta corrente foram limitados a 50 mil cruzados novos. O Plano ainda determinou que o saldo bloqueado tivesse seu rendimento baseado no Bônus do Tesouro Nacional Fiscal (BTNF). Já os valores inferiores a 50 mil cruzados novos teriam sua atualização baseada no Índice de Preço ao Consumidor (IPC). A alteração, realizada no dia seguinte à posse do então presidente, pegou a população de surpresa.

A medida agravou ainda mais uma crise econômica já existente, com o país enfrentando uma inflação altíssima.

Em 2001, foi passada a Emenda Constitucional 32/2001, o congresso vetou a possibilidade dessa modalidade de medida provisória.

Dessa forma, entendemos que o brasileiro tem medo de investir. Há, portanto, após a instituição do plano Real uma maior confiabilidade na moeda e no mercado, tendo garantido mais estabilidade nos governos dos anos 2000, o que faz com que o brasileiro possa se sentir um pouco menos receoso no momento de investir seus recursos. Consideremos que mesmo a caderneta de poupança, considerada até então bastante segura, apresentou problemas para os brasileiros.

3. METODOLOGIA

O trabalho é composto por uma abordagem qualitativa baseado em pesquisa bibliográfica e documental do tema, esta especificamente no que diz respeito à matéria legislativa que versa sobre o tema.

Em síntese e consoante a leitura da bibliografia especializada no tema, esse trabalho consiste em pesquisa documental baseada em informações veiculadas por instituições financeiras em cotejo com referencial teórico das áreas de economia e administração.

Por saber desse histórico problema que ocorreu na economia brasileira, os brasileiros preferem não se arriscar muito.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

Os brasileiros preferem segurança à rentabilidade na hora de investir, segundo a pesquisa Raio-X do investidor – edição 2019. O estudo, com apoio do Datafolha, traçou os hábitos de poupança e de investimento dos brasileiros.

Os dados, coletados em novembro de 2018, indicam que 88% dos investidores optaram pela caderneta de poupança, seguida pela previdência privada (6%), títulos privados (5%) e fundos de investimento (4%) na preferência nacional.

A pesquisa mostra ainda que o brasileiro é conservador na hora de investir. No total, 48% preferem constituir uma reserva financeira sem riscos a ter um bom retorno.

Outro principal motivo para explicar o porquê dos brasileiros preferirem aplicações conservadoras são os juros. Historicamente, o país sempre teve juros altos, fazendo com que aplicações de renda fixa, como CDB, LCI e LCA, tivessem bons rendimentos.

Em 2016, a taxa básica de juros atingiu 14,25% ao ano, um dos maiores patamares da história. A falta de oferta de educação financeira para a população se estabelece como outro fator relevante para o conservadorismo e timidez nas aplicações.

Segundo pesquisa feita pela OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), o Brasil é apenas a 27ª nação entre 30, quando o assunto é educação financeira. Ou seja, as pessoas possuem pouco conhecimento financeiro para escolher investimentos com risco.

A complexidade e a falta de conhecimento se juntam no fator risco que o brasileiro não quer correr.

Quando o assunto é investimento, há muitas questões a serem desmistificadas. Entre os brasileiros, ainda é comum o pensamento de que investir é algo complicado. Outra associação errada se refere à idéia de que para se tornar um investidor é preciso ter muito dinheiro. Doravante veremos o perfil dos investidores de acordo com a B3:

Tabela 1: Perfil dos Investidores B3 – Maio de 2020

Perfil PF por Faixa etária	Contas			Valor (R$ bilhões)			%
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	
Até 15 anos	4.801	3.959	8.760	1,51	0,17	1,68	0,55%
De 16 a 25 anos	230.881	56.930	287.811	2,04	0,72	2,77	0,91%
De 26 a 35 anos	636.040	190.466	826.506	17,91	4,55	22,46	7,40%
De 36 a 45 anos	512.553	149.049	661.602	40,33	8,67	49,00	16,14%
De 46 a 55 anos	226.985	79.548	306.533	42,17	11,68	53,86	17,74%
De 56 a 65 anos	152.031	65.326	217.357	50,52	14,83	65,35	21,52%
Maior de 66 anos	121.905	52.812	174.717	83,68	24,84	#####	35,74%

Fonte: B3 (maio 2020)

Embora a prática mostre exatamente o contrário, a falta de disseminação das informações corretas contribui para que o hábito de investir se torne uma realidade cada vez mais distante. Por isso, muitos economistas defendem que a educação financeira seja ensinada desde cedo nas escolas. O Banco Central brasileiro promove por meio de seu site um mecanismo de informações destinado a orientar o cidadão para a saúde financeira.

Figura 1 : Cidadania financeira

Fonte: Banco Central (2020)

É por meio da educação financeira que é possível obter conhecimento sobre produtos financeiros e criar uma relação saudável com eles. A familiarização e o entendimento sobre quanto se ganha (renda), quanto se gasta (despesas) e quais são as opções de investimento

disponíveis no mercado permitem lidar com o dinheiro de forma mais fácil e garantem não só um consumo mais consciente, como também, o controle e a prosperidade da vida financeira.

No Brasil, infelizmente, ainda prevalece uma cultura imediatista relacionada ao dinheiro. A maior parte da população está acostumada a gastar o que ganha mês a mês. Quando consegue economizar ou recebe um valor extra, raramente há o hábito de investir. Entretanto, vemos esse cenário mudar. Há um substancial aumento dos investidores desde os anos 2000:

Tabela 2: Perfil de Investidores – Maio de 2020

Distribuição da participação de homens e mulheres no total de investidores pessoa física					
Ano	Homens		Mulheres		Total PF
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
2002	70.219	82,37%	15.030	17,63%	85.249
2003	69.753	81,60%	15.725	18,40%	85.478
2004	94.434	80,77%	22.480	19,23%	116.914
2005	122.220	78,76%	32.963	21,24%	155.183
2006	171.717	78,18%	47.917	21,82%	219.634
2007	344.171	75,38%	112.386	24,62%	456.557
2008	411.098	76,63%	125.385	23,37%	536.483
2009	416.302	75,37%	136.062	24,63%	552.364
2010	459.644	75,24%	151.271	24,76%	610.915
2011	437.287	74,98%	145.915	25,02%	583.202
2012	438.601	74,70%	148.564	25,30%	587.165
2013	440.727	74,79%	148.549	25,21%	589.276
2014	426.322	75,57%	137.794	24,43%	564.116
2015	424.682	76,23%	132.427	23,77%	557.109
2016	433.759	76,90%	130.265	23,10%	564.024
2017	477.887	77,13%	141.738	22,87%	619.625
2018	633.899	77,94%	179.392	22,06%	813.291
2019	1.292.536	76,89%	388.497	23,11%	1.681.033
2020	1.885.196	75,92%	598.090	24,08%	2.483.286

Fonte: B3 (Brasil Bolsa Balcão)

A análise do gráfico demonstra que há um ininterrupto aumento do número de investidores pessoa física pouco oscilando entre mulheres e homens, tendo estes como prevalentes e costumeiramente para quem se direcionam os esforços das corretoras de investimento que investem num circunscrito público alvo. Há, entretanto, incipientes iniciativas publicitárias que passam a dar enfoque nas mulheres como investidoras, seja em canais de mídia digital como nas redes sociais.

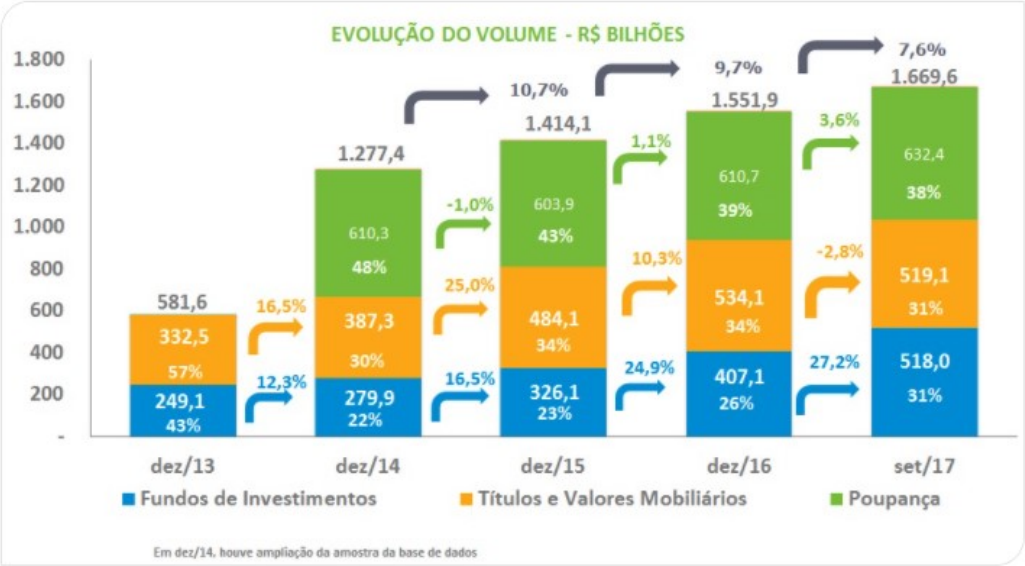
Nos últimos cinco anos, o mercado de investimentos passou por uma transformação fundamental para estar em uma curva ascendente. Um levantamento feito pelo Valor Investe, mostra que as seis maiores plataformas de investimento e que não está vinculada aos grandes bancos, somam cerca de R$ 342 bilhões sob custodia e tem mais de 2 milhões de contas abertas e ativas.

Hoje, os cinco maiores bancos do Brasil possuem cerca de 80% do dinheiro guardado pelos brasileiros e é nessa porcentagem que as plataformas de investimento se interessam para suas expansões. O aumento substancial de pessoa física no mercado de investimento, só foi possível porque o próprio mercado se reinventou. Os gestores que criam os fundos de investimento, viram a importância das plataformas para a captação e que os investidores estão mais preparados para sua utilização.

O investidor identificou que está perdendo dinheiro na poupança e que novas alternativas e seguras, também de renda fixa, poderiam encontrar nas plataformas. Notou-se também que não pagava para abrir conta, os demais custos não eram tão altos e era bem mais fácil de investir, tudo pela internet. Alguns anos atrás era difícil encontrar opções de

aplicações mínima de mil reais ou menos. Hoje, com cinquenta reais já se torna possível comprar um título publico.

Gráfico 1: Evolução do volume aplicado entre 2013 e 2017



Fonte: Ambima (2020)

O que se verifica da análise do gráfico da AMBIMA é que o montante aplicado ao longo de cinco anos na última década tem tido aumento substancial, entretanto ainda é um desafio para as corretoras de investimento captar os recursos aplicado em poupança, que para os brasileiros com histórico conservador tem se mostrado ainda a forma mais segura para investir.

Uma das estratégias usadas pelas corretoras é zerar todas as taxas para fundos que aplicam apenas em Tesouro Selic, titulo do Tesouro menos arriscado, que acompanha a taxa básica da economia.

Outra estratégia usada pela corretora para captação de investidores é ajudar e orientar o cliente a escolher, e mais, aumentar seu ticket médio de investimento na prateleira, as plataformas começaram a investir, cada uma do seu jeito, em consultoria, informação e serviços adicionais, como conta de banco digital.

Outra forma de atrair e reter clientes é a de apostar na comunicação por meio de veículos de mídia especializados, redes sociais e influenciadores digitais com leitores e seguidores interessados no tema.

A mais nova frente de diferenciação das plataformas é a oferta de serviços financeiros típicos de bancos, mas sem perder sua essência de corretora voltada pra investimento. Com base nessas informações conseguimos identificar as estratégias das corretoras e o mercado que ela tem disponível para atuar e conseguir mais e mais clientes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como escopo traçar um percurso histórico do perfil de investidores no Brasil e de alguma maneira traçar as alterações que tem sido verificadas em seu comportamento.

Os investidores de hoje não acompanharam todas as mudanças econômicas do passado e por isso acredita-se que para um futuro não muito distante o conceito de

investimento para os brasileiros mude e passe a se tornar mais suscetíveis a questões financeiras.

Investir é fazer o dinheiro economizado render e, assim, possibilitar o controle da vida financeira, além de ter a possibilidade de agilizar a realização de sonhos. Algumas pessoas investem para conquistar bens materiais, como um carro novo ou a casa própria. Há outras que querem desenvolver planos familiares. Há aqueles que planejam viagens e, também, quem quer apenas estabelecer previdência.

A análise dos dados demonstra que a insegurança histórica no sistema financeiro nacional cominada com a falta de educação financeira efetuou o direcionamento dos recursos dos investidores para a poupança convencional, o que ao longo dos anos, sobretudo a partir do século XXI tem se transformado pela ação e proliferação das corretoras de investimento que incentivam a aplicação de recursos em valores mobiliários de outra natureza, diversificando os papéis adquiridos por pessoas físicas outrora inclinadas à caderneta de poupança.

Cabe salientar também que o sistema legal brasileiro ao longo dos dos anos tem permitido aos investidores uma maior segurança em outras modalidades, como por exemplo, o mercado de ações hoje fomentado somente pela B3.

Com isso, pretendemos por meio desse trabalho possibilitar uma reflexão mais aguda e incisiva sobre o perfil dos investidores brasileiros e, com isso, abrir caminho para questões mais aprofundadas fomentadas por estudos a serem produzidos doravante no ambiente acadêmico.

6. REFERÊNCIAS

A BOLSA de valores no Brasil: **O que é, qual sua história e como funciona?** 2018. Disponível em: https://magodomercado.com/a-historia-da-bolsa-de-valores-no-brasil/. Acesso em: 13 abr. 2018.

ALMEIDA, Marília. Por medo de riscos, brasileiro continua apegado à poupança. Exame, São Paulo, mar. 2016. Disponível em: https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/por-medo-de-riscos-brasileiro-continua-apegado-a-poupanca/. Acesso em: 07 mar. 2016.

ANBIMA. MENOS DA METADE DOS BRASILEIROS TÊM DINHEIRO APLICADO EM PRODUTOS FINANCEIRO: Raio X do Investidor. São Paulo: Ambima, 2018. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/menos-da-metade-dos-brasileiros-tem-dinheiro-aplicado-em-produtos-financeiros.htm. Acesso em: 16 ago. 2018.

ANDRADE, Diogo Bomilcar de. Competição de Corretoras de Valores Mobiliários e a Influência das Mudanças Tecnológicas na Redução dos ganhos extraordinários. 2017. 2 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Insper - Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2017.

ARRUDA, Jose Jobson do Nascimento. **A florescência tardia**: Bolsa de Valores de São Paulo e mercado global de capitais (1989-2000). 2008. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.8.2008.tde-27112009-110719. Acesso em: 11. jan. 2020.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro**. 13. Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

BERTÃO, Naiara. Para Onde Caminham as Plataformas de Investimento. Valor Investe. São Paulo, 25 jul. 2019. Disponível em: https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2019/07/25/para-onde-caminham-as-plataformas-de-investimentos.ghtml. Acesso em: 25 jul. 2019.

BODIE, Zvi; KANE, Alex e MARCUS Alan J. Fundamentos de Investimentos. 9. Ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2014, p. 12.

BONA, André. Corretora de Valores: Entenda Como Funciona e se Você Precisa. André Bona. São Paulo, p. 1-2. 17 maio 2017. Disponível em: https://andrebona.com.br/corretora-de-valores-entenda-como-funcionam-e-se-voce-precisa-de-uma/. Acesso em: 17 maio 2017.

COSTA, Fabiana Vieira da. Capacidade dinâmica das corretoras de valores mobiliários no Brasil. In:, 2013, São Paulo. São Paulo: N, 2013. p. 54 - 55.

D'ÁVILA, Mariana. Falta de conhecimento faz investidores escolherem aplicações ruins. Infomoney. São Paulo, p. 1-2. 08 abr. 2016. Disponível em: https://www.infomoney.com.br/onde-investir/falta-de-conhecimento-faz-investidores-escolherem-aplicacoes-ruins/. Acesso em: 08 abr. 2016.

GOMES, João Sparremberger. Corretoras atreladas a bancos ou independentes. 2018. 4 f. Graduação - Curso de Ciências Econômicas, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2018.

REIS, Tiago. O que foi o confisco da poupança? Ele pode ocorrer de novo? São Paulo, 31 mar. 2019. Disponível em: https://www.sunoresearch.com.br/artigos/confisco-da-poupanca/. Acesso em: 31 mar. 2019.